

**O Museu e moda**

*The Museum and Fashion*

**André da Costa Ramos Garcia**

Graduado em Design de Moda: Habilitação Estilismo pelo Centro Universitário Senac

**andrergcosta@hotmail.com**

**Maria Claudia Bonadio**

Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas

**mariacbonadio@uol.com.br**

Entrevista com Maria Izabel Branco Ribeiro – Diretora do Museu de Arte da FAAP  
(Fundação Armando Alvares Penteado)

**Foto 1** - Maria Izabel Branco Ribeiro.



Fonte: Acervo particular

### Apresentação

Maria Izabel Branco Ribeiro é diretora do Museu de Arte Brasileira (MASB) da Fundação Álvares Penteadó (FAAP), desde 1995. Desde o início de sua gestão foram realizadas no MAB algumas importantes exposições, que se não tratavam diretamente do tema moda, o tangenciavam. Pois, estas abordavam temas ou personagens que se tornaram referência no campo das aparências, como por exemplo, a atriz e princesa de Mônaco, Grace Kelly. Ainda que um dos módulos da exposição aproximasse o visitante do cenário de “Janela Indiscreta” (1954) de Alfred Hitchcock, era diante dos vestidos usados pela atriz e espalhados pelo espaço expositivo, que os visitantes mais tempo se detinham. Talvez porque as roupas, que uma vez foram vestidas pela atriz funcionassem como uma espécie de objeto mágico, que os permitisse de alguma maneira se aproximar do “corpo” da atriz e conhecê-la mais de perto. A exposição foi uma das mais visitadas do MAB, tendo uma média de 1.200 visitantes por dia.

Além da citada exposição, nos anos em que Maria Izabel vem atuando como diretora, o museu abrigou ainda as seguintes exposições que direta ou indiretamente colocavam o visitante em contato com a moda. “*Da inspiração a criação: Christian Lacroix*, 1997; *Fashion Photograph*, 1998; *Gran Sera: Moda Italiana 1950-1990*, 2006; *Rockers*, 2007; *Papiers à la Mode*, 2008; “*Christian Lacroix – Trajes de Cena*, 2009; *Moda no Brasil: Criadores contemporâneos e memórias*, 2012; *WORK: Klaus Mitteldorf – Photographs 1983-2013*, 2013; *Mario Testino in your face*, 2014; *Pérolas*, 2014; *Blumenfeld Studio: New York 1941-1960*, 2014-2015.

O MAB não é um museu de moda. Entretanto, seja através de exposições de importantes fotógrafos de moda – ou que atuaram nesse segmento -, de mostras de figurinos, ou sobre celebridades, possivelmente é o Museu brasileiro que mais abrigou exposições sobre o tema nos últimos 20 anos.

Na entrevista que se segue apresentamos algumas reflexões da diretora do Museu acerca das conexões entre moda e arte, sobre a presença da moda no museu e das relações entre arte, moda e celebridades.

**ACRG e MCB: Fale um pouco sobre a sua formação em Artes e sua trajetória como Diretora do Museu de Arte da FAAP (MAB-FAAP).**

MIBR: Estudei na FAAP e me formei em 1979 em Educação Artística. Fiz mestrado e doutorado na ECA-USP. Desde 1981 trabalho em instituições culturais que se dedicam às exposições de arte. Passei pela Fundação Bienal de São Paulo, pelo MAM-SP, pelo MAC-USP. Em 1989 comecei a lecionar História da Arte na Faculdade de Artes Plásticas da FAAP. Em 1995 fui convidada a dirigir o Museu de Arte Brasileira da FAAP. No Museu, nossa equipe é pequena e coesa, embora tenhamos funções definidas, algumas vezes é necessário que participemos de várias etapas do processo. Além da gestão, cabe a mim curadoria de algumas exposições.

**ACRG e MCB: Em seu entender, qual a relação que a moda pode ter com a arte?**

MIBR: Como a arte, a moda é um processo de criação. Porém, a arte tem aspectos muito peculiares de modo que não dá para confundir moda com arte. Ambas apresentam questões bastante diferentes. A moda destina-se a um mercado, assim como a arte, e também a arte pode envolver moda, então existem pontos de tangência. A pesquisa da arte geralmente tem um fim em si mesma, e isso não quer dizer que a moda, feita enquanto pesquisa artística e estética, também não possa ter um fim em si mesma. Acho que existem tangências, mas também penso que são caminhos bastante distintos, embora com pontos em comum.

**ACRG e MCB: Como diretora do MAB-FAAP, qual sua opinião sobre a relevância da moda nos museus de arte?**

MIBR: Eu acho que os museus de arte, assim como define o ICOM (*The International Council of Museums*), são instituições apoiadas em três pilares: o primeiro deles é a coleção, o segundo é a pesquisa, e o terceiro é a exposição. No museu de arte, o foco dessas atividades é a arte e o sentido da arte depende de como você entende a arte – conceito bastante amplo, compreendendo não apenas uma pintura, escultura, desenho e não apenas arte contemporânea. Nós podemos entender arte como uma discussão estética, uma discussão de poética. Uma vez que a moda envolva essa discussão acredito que há um lugar para a moda também no museu de arte, mas acho que para tudo precisa se ter bom senso. Existe lugar para moda assim como existe também para o

design, para o mobiliário, para o paisagismo, para uma serie de questões, desde que se entenda que se está trabalhando com poéticas e/ou memória.

**AC e MCB: Você considera que as coleções de designers de moda que ainda estão na ativa são elementos possíveis de se exibir em um museu de arte? Em algumas exposições do gênero, como por exemplo, a de coleções do designer de moda italiano Giorgio Armani no Guggenheim de Nova Iorque em 2001, a recepção por parte da crítica foi negativa, posto que a apresentação das peças da marca naquele espaço foi associada a uma espécie de marketing de luxo<sup>1</sup>. Qual a sua opinião sobre o tema?**

MIBR: Como coloquei anteriormente, acho que são questões bastante complexas, então depende de propostas que são feitas; você pode ter uma exposição de arte do Renascimento que pode ser apresentada em um museu com intenção puramente comercial, com uma intenção de marketing, e você pode ter uma exposição que trata de questões de design que pode ser apresentada num museu com uma intenção não comercial, mas como uma discussão de questões de estética. São várias as questões, mas o que dita a pauta é o famoso projeto de curadoria. As pessoas desconhecem o papel do curador; o curador não é o gerente da exposição, não é o produtor, é quem “costura” as ideias que serão apresentadas, quem dá a proposta da exposição, quem seleciona as obras e as apresenta ao público.

**ACRG e MCB: E em relação ao guarda roupa de uma celebridade? Como por exemplo, a exposição “Os Anos Grace Kelly, Princesa de Mônaco”, que aconteceu na FAAP em 2010?**

MIBR: Também é uma questão muito complexa porque, por exemplo, o guarda roupa apresentado na exposição sobre a Grace Kelly reunia algumas peças que não agradavam o público esteticamente, mas por terem pertencido à Grace Kelly acabaram assumindo outros sentidos, acabaram entrando redes de significados e de relações diferentes. Dessa forma, os objetos passam a ser vistos a partir de outros parâmetros. Nesse caso, as coisas são ressignificadas. No caso das roupas das celebridades, também há mudança de contexto, o que altera o significado da peça, mas quanto ao fato de se tornarem peças de

---

<sup>1</sup> A exposição *Giorgio Armani* ficou em cartaz entre 20 de outubro de 2000 e 17 de janeiro de 2001 e teve curadoria de Germano Celant, Curador Sênior de Arte Contemporânea do *Solomon R. Guggenheim Museum* e de Harold Koda Curador do *Costume Institute do Metropolitan Museum of Art*.

museu, isso depende das características da peça e das especificidades da coleção que se deseja reunir.

**ACRG e MCB: Você considera que as exposições de moda podem trazer um incentivo maior para o público visitar os museus de arte? Por quê?**

MIBR: A exposição de maior público no MAB-FAAP foi a d'OSGEMEOS ("Vertigem") em 2009, e creio que o motivo disso foi porque OSGEMEOS trabalham na rua, fazendo com que as pessoas criassem uma intimidade com o trabalho deles<sup>2</sup>. O MAB tem uma agenda diversificada de exposições de modo a atender diferentes interesses e motivar a frequência ao museu. Ou melhor, aos museus, uma vez que o visitação a exposições e frequência a eventos culturais é hábito. A assiduidade gera repertório. Claro está que a moda desperta muito interesse e está muito mais próxima do público do que a linguagem da arte contemporânea. A moda também possibilita discussões de aspectos importantes que podem, inclusive tangenciar a arte contemporânea.

**Foto 2** - Vista parcial da exposição "Vertigem" d'OSGÊMEOS,2009



Fonte: Acervo MAB-FAAP

---

<sup>2</sup> Em referência à exposição "Vertigem" de OSGEMEOS, em cartaz entre 13 de outubro e 12 de dezembro de 2009 no MAB-FAAP. A mostra foi exibida também no Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro

**ACRG e MCB: No Museu de Arte Brasileira da FAAP, o que é levado em consideração para que uma exposição que tenha a moda ou figurino como tema seja selecionada para exibição?**

MIBR: São vários os motivos, por exemplo, a última exposição de moda que apresentamos, tinha por objetivo enfatizar a produção atual brasileira<sup>3</sup>. A princípio seria uma exposição itinerante, porém ficou restrita a São Paulo. Portanto era constituída por um segmento histórico, que contextualizava a exposição; uma seleção de novos criadores e uma parte dedicada à exportação, com moda praia e jeans.

Tivemos no MAB duas exposições com o trabalho de Christian Lacroix. A primeira delas em 1997 mostrava uma síntese de seu trabalho (*Da inspiração à criação: Christian Lacroix*), e outra sobre os figurinos para teatro e balé (*Christian Lacroix – Trajes de Cena, em 2009*) caracterizada pelo ambiente de fantasia que permeia seus projetos para o palco. As duas mostras traziam dois universos diferentes do mesmo criador. Uma exposição interessante a ser citada, é *Papiers à la Moda*, da artista belga Isabelle de Borchgrave, que ocorreu em 2008. Naquele projeto, a moda era o ponto de partida para a artista reproduzir trajes antigos em papel, servia como tema, para sua apresentação de uma ilusão, na qual o objetivo estava em propor a aparência de algo e a revelação de sua realidade. Como, por exemplo, as relações estabelecidas a interpretação em papel do famoso vestido usado pela rainha Elizabeth I da Inglaterra e seu original no Retrato Hardwick de 1599-1560<sup>4</sup>. Aparentemente a obra de Isabelle é semelhante ao vestido da pintura e facilmente confundido com uma peça têxtil, bordada. Entretanto, se olharmos o vestido com atenção notamos que o brilho do tecido na verdade é efeito de tinta e as diferenças entre ambos são grandes.

**Foto 3** - Figurinos exibidos na exposição “Christian Lacroix – Traje de cena” em 2009

---

<sup>3</sup> Em referência à exposição “Moda no Brasil: criadores contemporâneos e memória” com curadoria de José Luis Hernández Alfonso e Denise Pollini, em cartaz entre 12 de agosto e 30 de setembro de 2012 no MAB-FAAP.

<sup>4</sup> Referindo-se ao retrato pintado no ateliê do artista Nicholas Hilliard (1547-1619) e no qual a Rainha veste uma saia bordada com criaturas extraordinárias como serpentes marinhas e dragões. A obra pertence à *National Trust*.



Fonte: Acervo – MAB – FAAP

**ACRG e MCB: Como é feito o intermédio das exposições do MAB-FAAP que reúnem obras de importantes nomes da moda?**

MIBR: Depende muito das circunstâncias. Em geral é necessário reservar data, geralmente dois anos de antecedência, em razão dos compromissos de suas agendas e das necessidades requeridas pelas providências com os empréstimos. Independente do grande nome envolvido é necessário avaliar se a proposta apresentada conta com projeto curatorial consistente, de interesse cultural, que justifique sua apresentação em um museu. Também é preciso coordenar o calendário do museu com a disponibilidade da exposição. É necessário levar em consideração se o museu dispõe do espaço, das condições físicas, de segurança e técnicas que o projeto em questão requer. O custo do evento, a possibilidade de patrocínio e os ajustes necessários devem ser avaliados para possibilitar sua realização. Em alguns casos são negociações rápidas, em outros, são necessárias muitas adequações, envolvendo diversos profissionais.

**ACRG e MCB: A maior parte das exposições sobre moda que o MAB já abrigou tratava de designers ou personalidades estrangeiras. Essas mostras foram idealizadas e exibidas fora do país e na sequência vieram ao Brasil, correto? Como**

**funciona essa conexão? É um contato direto entre Museu e curadores? Há um mercado internacional de exposições? Fale mais a respeito.**

MIBR: O MAB segue sempre um mesmo padrão em suas exposições. Nem sempre as exposições aqui apresentadas foram remontagens de outras apresentações. Há necessidade de haver projeto elaborado por um curador que garanta a consistência da proposta, o respaldo de uma instituição ou coleção constituída que indique a procedência lícita e autenticidade das obras ou objetos. É preciso trabalhar com equipe multidisciplinar e experiente que planeje com antecedência as várias etapas do processo e acompanhe para que até a devolução da coleção ao local de origem tudo saia a contento. As exposições acontecem de maneiras diversas. Por vezes nos são oferecidos projetos e levamos a produção adiante. No caso da mostra “Trajes de Cena” de Lacroix, a FAAP entrou em contato direto com o Centro Nacional do Traje de Cena (*Centre Nationale du Costume de Scéne*), museu proprietário da coleção, cujo presidente é o próprio Lacroix, para tratar da exposição. Já a exposição de Isabelle de Borchgrave, da qual fui curadora aconteceu porque que conheci a artista por intermédio de uma amiga e o MAAB se encarregou da produção. Sim, há um mercado internacional de exposições. Há a possibilidade de expor coleções de museus internacionais e a realização de exposições internacionais exige a participação de diversos tipos profissionais.

**Foto 4** – Vestido usado pela Rainha Elizabeth I da Inglaterra no Retrato de Hardiwick de 1599-1560 reproduzido em papel pela artista belga Isabelle de Borchgrave para a exposição *Papiers à la mode*, 2008.



Fonte: Acervo MAB - FAAP

**ACRG e MCB: Na sociedade contemporânea nós vivemos um culto às celebridades, o que segundo o sociólogo Chris Rojek, autor do livro *Celebridade* seria uma consequência da ascensão dos governos democráticos em sociedades seculares. A que você atribuí o alto número de visitação em exposições sobre o tema, como a já citada mostra sobre a Grace Kelly, que teve mais de 1200 visitantes por dia, ao material da exposição ou ao fascínio em torno da celebridade?**

MIBR: Sem dúvidas, a Grace Kelly atrairia pessoas em qualquer lugar. Uma exposição do Leonardo da Vinci, por exemplo, atrai mais gente do que a exposição de um artista desconhecido. A própria Mona Lisa recebe mais visitantes que outras obras de Leonardo da Vinci. No caso da exposição há que se levar em conta o mito Grace Kelly: atriz de Hollywood, princesa, sua beleza, Mônaco, sua morte prematura. A mostra

abordava as várias faces desse mito e remetia a um ambiente misto de fantasia e nostalgia, que capturava os que tinham a memória daquela época e os mais jovens.

**ACRG e MCB: Seria possível dizer que certas obras de arte também adquirem status de “celebridade”? A própria Monalisa que você citou, é uma imagem que já foi incorporada à cultura visual contemporânea, talvez o rosto dessa desconhecida, seja tão popular quanto a imagem da Marilyn Monroe, ou do Pelé (ambos retratados por Andy Warhol na série de celebridades). No Museu do Louvre as pessoas se aglomeram em frente ao retrato da Monalisa, de modo que quando você adentra a sala na qual a obra está exposta tem a impressão que alguma personalidade muito conhecida apareceu ali e as pessoas fazem fila para pegar autógrafo. Mas, na verdade as pessoas estão disputando espaço para tirar retrato ao lado da imagem, tal qual estivessem posando ao lado da cantora Madonna ou qualquer outra celebridade global. Também observamos esse fenômeno em exposição sobre a Marilyn (“Quero ser Marilyn Monroe”, 2012) na Cinemateca Brasileira em São Paulo, onde era complicado fruir as imagens, pois o tempo todo havia alguém fazendo pose ao lado das fotos. Ou seja, cada dia é mais comum observar em museus pessoas tirando fotos das imagens e também ao lado delas. Você já observou esse fenômeno na FAAP? Isso acontece mais em que tipos de exposição? A que atribui essa “celebrificação” da obra de arte?<sup>5</sup>**

MIBR: Acredito ser muito difícil gostar do que não se conhece, do que se conhece pouco ou do que se têm poucas referências. Ir a uma exposição e reconhecer uma obra, um rosto ou algo a que se possa relacionar a uma informação já integrada ao repertório, é a possibilidade de estabelecer conexões entre as informações e perceber a rede de significados existente. Há obras que desfrutam de prestígio excepcional, facilmente reconhecidas e as que estão além disso, como você coloca, podem ser descritas como celebridades. É dito que a fotografia preserva o momento e o visitante de museu que fotografa a obra o faz com diferentes objetivos, na maioria das vezes, principalmente aquele que se retrata junto à obra, o faz com a função de souvenir – “eu estive lá e vi pessoalmente esta obra, e aqui está a prova disso”. Com a facilidade de equipamento hoje disponível, permite fotografar com facilidade. Criam-se imagens, objetos e locais do mundo, para preservar momentos, que depois serão compartilhados ou até

---

<sup>5</sup> Utilizamos o termo celebrificação num sentido semelhante a que Roberta Shapiro (2007) atribui à palavra “artificação”, que seria o procedimento que transforma a não arte em arte.

esquecidos. Em alguns museus já se observa o fenômeno, em outras ainda há várias restrições, ao uso de equipamentos fotográficos em sala de exposição.

**ACRG e MCB: Hoje o MAB-FAAP, talvez seja o Museu brasileiro que mais abrigou exposições sobre moda no País. Coincidentemente tais mostras começaram a ocorrer com muito mais frequência depois que a direção do museu foi assumida por você. Foi um gosto pessoal, algo que você já tinha em mente?**

MIBR: Não, foi mero acaso. Nas últimas décadas as atividades relacionadas aos museus, às artes e às exposições passaram por algumas transformações, por processos de especialização profissional. Com profissionais que se dedicam à pesquisa em moda, design, arquitetura, arte e vários outros temas, com condições de serem curadores. Há também aqueles que garantem a conservação das peças e os que planejam os diversos passos do processo com segurança para que o evento tenha sucesso. Coincidentemente após ter assumido a diretoria do museu, diversos cursos da FAAP estavam em processo de expansão e a diretoria da Fundação tinha grande interesse em promover exposições relacionadas aos cursos. Por sorte, dispunha-se de profissionais em condições para levar adiante os projetos.

**AC e MCB: Você acha que pela frequência que as exposições de moda ocorrem aqui no MAB gera certa “exclusividade” do museu nesse tema?**

MIBR: Não, foram oportunidades que surgiram e soubemos aproveitar. Talvez ocorra com mais frequência porque aqui nós temos uma escola de moda. Como mencionei acima, uma das propostas da instituição (FAAP) é relacionarmos as propostas de exposições às questões de interesse dos cursos oferecidos. Além de arte, moda, arquitetura, design, há a possibilidade de abordarmos temas culturais mais amplos, como ocorreu nas exposições da China (“China: a Arte Imperial, a Arte do Cotidiano, a Arte Contemporânea”, 2002), de Arte Egípcia (“Egito”, 2001), ou Napoleão (2003). Lembro ainda de um projeto interessante que fizemos em conjunto com a Faculdade de Engenharia da FAAP que resultou na exposição “Nano, Poética de um Mundo Novo” (2008), com curadoria da artista Anna Barros e a participação da artista Victoria Vesna e do cientista James Gymzevsky, ambos da UCLA (*University of California, Los Angeles*).

**AC e MCB: O Museu possui um peças de roupas em seu acervo?**

## **ModaPalavra E-periódico**

MIBR: Não, nosso acervo é de arte e especificamente arte brasileira. Uma coleção de vestuário requer a reserva técnica equipada para melhor conservação das peças.

O que mais se aproxima de peça de vestuário em nosso acervo, é uma réplica cenográfica datada de 1999, da parte superior do traje tropical feito por Flávio de Carvalho em 1956, que não pode ser considerada nem, roupa e nem parte do acervo.

### **Referência:**

ROJECK, Chris. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SHAPIRO, Roberta. What is "artification"? *Sociedade e Estado*, Brasília, no. 22, volume 1, p. 135-151, 2007.